

As denominações cancro e câncer no português europeu e brasileiro

Graça Rio-Torto*

Resumo: Neste artigo estudam-se as descrições que os dicionários de língua portuguesa facultam de *cancro* e de *câncer*, desde o século XVI até à atualidade, observando em que medida tais descrições refletem as concepções dominantes em cada época de ambas as realidades, nomeadamente as que são codificadas pelos compêndios médicos de referência. Analisa-se a trajetória histórica nas fontes lexicográficas de referência —do português europeu e do português do Brasil— das duas denominações (e de algumas a elas estreitamente ligadas), bem como em bases de dados lexicais, disponíveis em linha e, em menor escala, em fontes de outra natureza. Em fases pretéritas o universo conceptual e referencial de ambas as denominações oscila entre a astronomia/astrologia e a medicina, tendo sido possível identificar a fase temporal de fixação de cada uma das denominações em áreas dominantes: *cancro* no português europeu e na medicina, *câncer* no português europeu na astronomia/astrologia e o inverso no português brasileiro, em que *câncer* é usado na medicina.

Palavras-chave: câncer, cancro, lexicografia, linguagem técnica, língua portuguesa, medicina, oncologia.

The terms *cancro* and *câncer* in European and Brazilian Portuguese

Abstract: This article examines the definitions of *cancro* and *câncer* given by Portuguese dictionaries from the 16th century to the present day, analysing the extent to which these definitions reflect dominant understandings of the concepts in medical compendiums over the centuries. It explores the historical evolution of the terms (and others that are closely linked to them) in lexicographic sources in European and Brazilian Portuguese, as well as in other lexical/textual databases. In earlier periods, the conceptual and referential context of both terms oscillates between astronomy/astrology and medicine. This study identifies the point in time at which the terms became largely fixed in a particular field: *cancro* (European Portuguese) in medicine, *câncer* (European Portuguese) in astronomy/astrology, and the reverse in Brazilian Portuguese, where *câncer* is predominant in medicine.

Key words: cancer, lexicography, Portuguese language, medicine, oncology, technical language.

Panace@ 2020; XXI (52): 7-19

Recibido: 15.IX.2020. Aceptado: 5.XI.2020.

1. Introdução

Desde há muitos séculos que o cancro é encarado, quer por especialistas, quer por não especialistas, como uma doença temida, nefasta, de difícil cura, sendo objeto de representações e de crenças várias e de caracterização não consensual.

Neste texto traça-se uma panorâmica sucinta das concepções mais significativas sobre o cancro ao longo da história das ciências médicas, para assim enquadrar a análise de como os dicionários de língua portuguesa, de acessibilidade acrescida face aos manuais técnicos, acompanham a evolução de tais concepções e contribuem para uma descrição esclarecida das características de uma doença tão disseminada e, em muitos casos, tão mortífera.

Serão objeto de atenção algumas das denominações nucleares da área oncológica, como *cancro* (e derivados), *carcinoma*, *neoplasia* e, em épocas mais recuadas, *humor*, *tumor*, *chaga*, *úlcer*a.

2. Concepções sobre cancro/câncer ao longo dos séculos

As concepções acerca do cancro/câncer e das doenças oncológicas refletem as concepções e as teorizações sobre a saúde e sobre a doença disponíveis desde a antiguidade até ao presente. Do século IV a. C. ao século XVIII dominou a **Teoria humoral** (dos **quatro humores**) de Hipócrates, subscrita por Galeno e, menos expressivamente, por especialistas das ciências da saúde ainda até ao século XIX.

A **teoria humoral hipocrática** sustenta que a vida assentaria no equilíbrio entre quatro fluidos corporais denominados ‘humores’: sangue, fleuma, bÍlis amarela e bÍlis negra, relacionados, respetivamente, com o coração, com o sistema respiratório, com o fÍgado e com o baço. A doença resultaria de um desequilÍbrio entre os humores, o qual poderia ter como causa principal alterações devidas aos alimentos (entre os quais Hipócrates

* Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras. CELGA-ILTEC; DLLC-FLUC, Portugal. DireccÍon para correspondencia: gracart@gmail.com.

incluía a água e o ar) e, mais tarde, fatores contextuais e/ou conjunturais, como o tipo/estilo de vida, a exposição a contextos adversos, entre muitos outros. As terapêuticas teriam por papel ajudar a expulsar o humor em excesso ou a contrariar as suas propriedades, fazendo com que o organismo funcionasse de forma saudável.

Seriam necessários quase vinte séculos para que o conhecimento das doenças oncológicas conhecesse o grau de avanço científico que hoje possuímos. Todavia, as denominações *cancro* (karkinos) e *carcinoma* (karkinoma), enquanto termos técnicos de uma doença específica, já remontam a Hipócrates. Galeno (≈131-203 d. C.) introduziu o termo «oncos», de origem grega, equivalendo a ‘tumor’.

Neste estudo intenta-se dar a conhecer de que modo as concepções e representações sobre o cancro se encontram refletidas nos dicionários portugueses de língua, dada a maior acessibilidade destes e o seu papel na difusão de novas denominações e saberes.

Nos *Aforismos*, Hipócrates empreende uma descrição sistematizada dos diferentes tipos de tumores, ainda que nestes sejam incluídas lesões não cancerosas. Hipócrates estabelece três graus de gravidade: (i) o carcinos, ou tumefação benigna não ulcerada; (ii) o *squirrhos*, denominação do cancro ainda curável; (iii) o carcinoma ou tumor ulcerado, «designação que melhor corresponde à ideia que atualmente se tem sobre a doença, e que, na sua propensão para a metastização, conduzia à morte» (Costa, 2012: 44).

No livro *De tumoribus praeter naturam*, único tratado médico da antiguidade dedicado exclusivamente aos tumores cancerosos e não cancerosos, Galeno preconiza três classes de tumores: (a) os «tumores de acordo com a natureza», (b) «os tumores que ultrapassam a natureza» e (c) os «tumores contra natura». Esta última classe incluía manifestações patológicas muito díspares (abscessos, edemas, quistos), entre as quais os cancros. Presentemente, o termo *tumor* denomina qualquer processo mórbido que se caracteriza por um aumento circunscrito de volume (v. g. de tecidos, de órgãos), o qual pode ter origem em processos inflamatórios ou em processos de proliferação descontrolada de células. Esta, sendo maligna, configura um processo neoplásico ou cancro.

Também para Galeno, os tumores *contra natura* eram explicados pela discrasia dos quatro humores: resultavam da solidificação da bílis negra/atrábilis em várias zonas do organismo, gerando um desequilíbrio orgânico que causaria a doença. A caracterização ou a causalidade destes tumores não se define como estritamente fisiológica, acusando antes alguma permeabilidade com o (desequilíbrio) psíquico, uma vez que a bílis negra ou atrábilis era também denominada ‘melancolia’.

Em Portugal, um dos seguidores da teoria galénica é o afaçado médico renascentista José Rodrigues de Castelo Branco (1511-1568), conhecido como Amato Lusitano. Nas suas *Centúrias*, subscreve a teoria humoral, como se observa no seguinte excerto: «O cancro forma-se do humor melancólico [...] conforme ensinou Galeno no livro De Atrabile. [...] Os tumores carcinosos costumam formar-se em todas as partes do corpo» (Lusitano, 1980: 223).

Sendo profundamente conhecedor dos textos de Hipócrates e de Galeno, a conceção de Amato sobre a doença reflete de forma fiel as concepções médicas da antiguidade greco-romana, que perduraram até mesmo após o Iluminismo. Segundo Costa (2012: 51), o pensamento de Amato Lusitano «[e]xpressa sobretudo a permanência, entre os seguidores de Galeno, das ideias aristotélicas e da prática escolástica de conciliar as opiniões das principais autoridades médicas da antiguidade».

3. O cancro/câncer nos dicionários de língua: plurissignificação denominativa

Os dicionários não técnicos da língua portuguesa (ou portuguesa e latina e vice-versa, quando ainda assim eram) refletem a forma de pensar da época em que são produzidos, as denominações então difundidas das enfermidades, as representações a cada uma associadas. Significa tal que, não sendo essa a função primordial do dicionário, este tenta oferecer ao leitor uma descrição mais ou menos concisa e não excessivamente técnica da doença que permita ao consulente possuir informação básica sobre a mesma, consentânea com o saber disponível na época sobre ela.

Alguns dicionários facultam também informação sobre as denominações disponíveis e, quando relevante, sobre as condições de uso de umas e de outras.

Nesta primeira fase da lexicografia da língua portuguesa, que no tocante aos termos lexicais em estudo abrange o período de 1570 a 1789, as denominações *cancro* e *cancer* podem recobrir a mesma realidade ontológica e conceptual.

3.1. Jerónimo Cardoso (1570), *Dictionarium latino lusitanicum & vice versa lusitanico latinu[m]* e Bento Pereira (1647), *Thesouro da lingua portuguesa*

O nosso primeiro lexicógrafo, Jerónimo Cardoso, no seu *Dictionarium latino lusitanicum & vice versa lusitanico latinu[m]*, regista duas entradas (1570, p. 21):

1. Cancere ‘doença’ Cancer, i.
2. Cancro ‘carcinoma, tis.’

Neste dicionário não ocorrem entradas da mesma família, como *canceroso/cancroso*, *carcinoma* (abonada como descritor), ou *oncologia/oncológico*, *ulcerado/úlceras*. *Cancere* é então uma palavra proparoxítona.

Muito idêntica é a informação facultada um século mais tarde por Bento Pereira. No *Thesouro da lingua portuguesa*, 1647, p. 24, apenas ocorrem as entradas (1) «Cancere, ou cancro doença» e (2) «Carcinoma, atis. Cancer, ri», estando ausentes as entradas *canc(e)roso*, *oncologia/oncológico*, *ulcerado/úlceras*. *Cancro* surge como equivalente a *cancere*, não como primeiro termo da entrada lexicográfica.

Será necessário aguardar pelo século XVIII para, com Bluteau, dispormos de informação mais pormenorizada sobre a doença e suas especificidades.

3.2. Raphael Bluteau (1712-1728),

Vocabulario portuguez e latino

No seu monumental *Vocabulario portuguez e latino* (1712-1728), em 10 volumes, Bluteau, espelhando o espírito iluminista da época, faculta informações detalhadas sobre o *câncer* ou *cancro*, como se observa pelo excerto seguinte:

«**câncer**, ou **cancro**, he hum tumor de materias impuras, duro, redondo, & escuro, que tem veas ao redor cheas de sangue melancolico, ou manifestas, ou escondidas, que parecem a modo de pernas de Caranguejo, donde lhe veyo o nome Latino, Cancer. He de duas maneiras, não ulcerado, & ulcerado. O cancer dos olhos he como o das mais partes do corpo: mana delle huma limpha acre, & clara: o olho he vermelho, & inflamado; na tunica cornea apparecem huas pequenas ulceras; sente o doente grandes dores de cabeça. A este mal são sogeitos velhos melancolicos, que padecerão dilatadas ophthalmias. Cancer, cri. Masc. Carcinoma, atis. Neut.(penult. long.) Carcinodes, odis Neut.(penult. long.) Plin. Hist.{ Cobrindoo de lepra, & Cancer, & fazendoo todo huma chaga viva. Vieir. tom. 1. 823.} [...] § Cancer. Sygno do Zodiaco. Vid. Cancro.§ Cancer. No sentido moral.{ Não cortando estes Canceres da Republica, nam pôde estimarse o Rey por bom Medico. Mon. Lusit. tom. 6. fol. 465. col. 2.}» (Bluteau, 1712-1728).

Como se observa no excerto acima, a denominação *câncer* é a que funciona como entrada primeira para o *cancro*, sendo essa a que o lexicógrafo usa para exemplificar o *cancer* oftálmico. É também a denominação mais próxima do latim, *câncer*, que utiliza quando se refere à aceção moral com que o nome é usado («Os canceres da Republica»). Assim é porque para denominar o termo astronómico/o signo do Zodíaco Bluteau opta por *cancro*.

«**cancro**. (Termo Astronomico.) He o quarto dos doze signos do Zodiaco, que em Latim se chama Cancer, que quer dizer Cangrejo, ou Caranguejo; porque assim como este marisco anda para traz, assim o Sol entrando no tal signo, he retrogrado, virando para a linha equinoccial, em 21. dias de Junho, que he o ponto, em que se dá o Solticio estivo. Consta este signo de treze Estrellas na opiniaõ de Ptolomeo, na de Queplero tem 17. & na de Bayero 35. [...]» (Bluteau, 1712-1728).

É patente em Bluteau a conceção humoral da doença cancerosa. O *cancro* é encarado como um tumor (i) duro, redondo e escuro, (ii) contendo matérias ‘impuras’, (iii) que tem veias ao redor cheas de sangue melancolico, e que pode ser (iv) ulcerado ou não ulcerado.

Esta conceção encontra-se em manuais de medicina da época, os mais relevantes dos quais elencados pelo autor (cf. fig. 1, com as Fontes catalogadas por Bluteau por áreas do saber).

Os adjetivos lexicalmente relacionados e registados como entradas por Bluteau são (i) *cancroso* (vid. *Canceroso*) e (ii) *can-*

QUADRO 1. Sentidos de *cancro* e de *cancer* em Bluteau (1712) e respetivos adjetivos derivados

denominações	sentidos	adjetivos derivados tal como recomendados por Bluteau
cancro	signo do Zodíaco	Cancroso
cancer	género de apostema	Canceroso, cancerado

QUADRO 2. Classes de chagas em Bluteau (1712)

Classes de chagas	chaga simplez	— a qual pode ser phlegmonõsa, Erisipelõsa, Virulenta, corrosiva, putrida, cruenta, fistulõsa, penetrante, gangrenõsa
	chaga compõsta	—
	chaga dolorosa chaga profunda, & cavernosa	—
	chagas ulceradas	sordidas, podres, cavernosas, cancerosas, virulentas, corrosivas

cerado, ou *canceroso* («No sentido moral, val o mesmo, que inveterado. Mal cancerado. [...]» (Bluteau, 1712-1728)).

Como se observa através das palavras abaixo reproduzidas, Bluteau entende que *canceroso* é mais adequado que *cancroso*, que associa a *Cancro*, signo do Zodíaco. Já *canceroso* relaciona-se com *cancer*, denominação da doença.

«**canceroso**. Doente de hum cancer. [...] Chaga cancerosa. [...] Quasi todos dizem Cancroso, mas eu para mim entendo, que melhor he, que se diga, Canceroso, porque assim se deriva esta palavra de Cancer, que he hum genero de apostema, & não de Cancro, que significa hum dos doze signos do Zodiaco. Vejase a explicação de Cancro» (Bluteau, 1712-1728).

Não sendo uma obra de especialidade, mas um dicionário enciclopédico, o *Vocabulario portuguez e latino* apresenta uma subclassificação de alguns termos genéricos então usados no âmbito das enfermidades e suas manifestações e que faz jus ao espírito iluminista da época em que foi redigido.

Assim acontece com as quatro classes de chagas (*simplez*, *compõsta*, *dolorosa*, *chaga profunda*, & *cavernosa*) que descreve, na entrada dedicada a esta denominação, e também na subcaracterização que elenca a propósito das chagas ulceradas (cf. quadro 2).

Segue-se a descrição do autor:

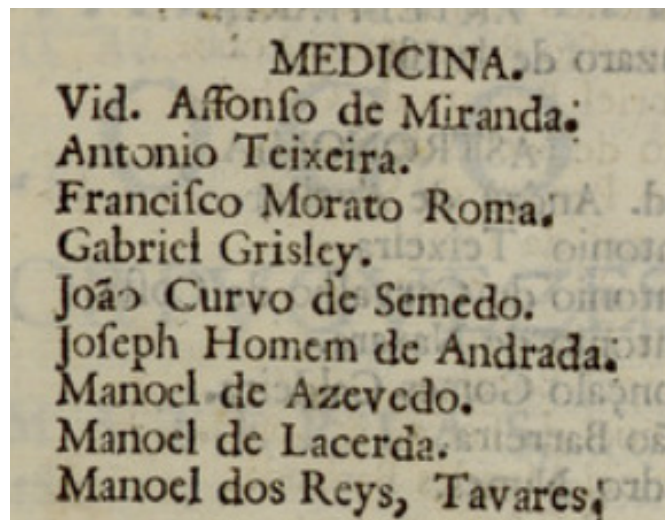
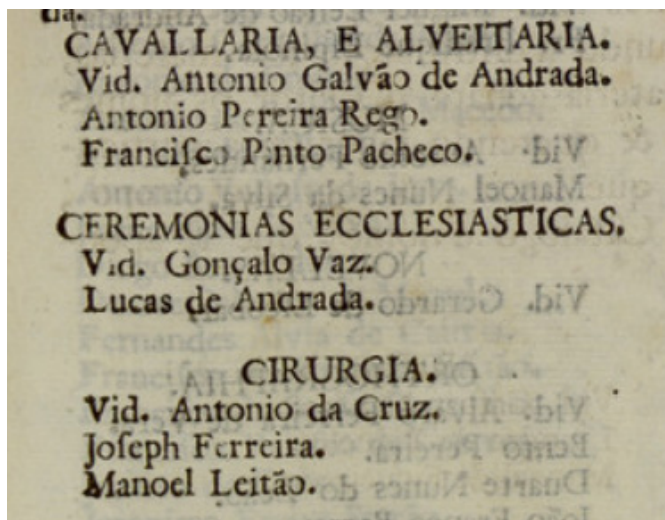


FIGURA 1. Fontes de Bluteau (1712) nas áreas da alveitaria, cirurgia e medicina (vol. 1, pág. 95-96)

chaga. Selução de continuidade na carne com materia, ou podridão. [...] § Cousa, que tem virtude para sarar huma chaga, fallandose em alguma erva, ou dròga. [...] § **Chaga simplez.** He aquella, que carece de accidente, ou symptoma algum, mais que a selução de continuidade, que tem, & esta mayor, ou menor, profunda, ou superficial, com mais, ou menos humidade de materia, ou podridão, & esta, ou he parte similar, ou organica, na carne, ou na pelle, na vea, ou artèria, ou em parte interna, ou externa. **Vulnus simplex.** § **Chaga compòsta,** he aquella, a que se ajunta hum, ou muitos accidentes, & destemperanças materiaes, ou immateriaes. Tem as chagas compòstas diversas denominaçoens. V. G. Chagas phlegmonòsas, Erisipelòsas, Virulentas, corrosivas, putridas, cruentas, fistulòsas, penetrantes, gangrenòsas [...] § **Chaga dolorosa,** se chama aquella, na qual se acha hum triste sentimento de cousa contraria, fazendo impressão subita, & violenta. **Cirurg. de Ferr. 293.** [...] § **Chaga profunda, & cavernosa.** He aquella, que tem a boca pequena, & o fundo grande, & escondido com hum, ou muitos fenos, ou cavernas direitas, ou tortas. [...] A primeira, & a segunda palavra são de Celso, fallando em huma chaga estreita, & profunda. **Sinuosum, & cavernosum** são de Plinio Historico em sentidos, que se pòdem accomodar a este.

Neste excerto, como em outros, as remissões para os clássicos (Celso, Plinio Historico) e para os especialistas contemporâneos (Antônio Pereira Rego, *Instrucçam da cavallaria de brida*. Damião de Goes, A. Ferreira, *Luz verdadeyra e recopilado exame de toda a cirurgia*, 1705) são testemunho e garante do espaldo técnico-científico da descrição facultada, que aproxima um dicionário deste tipo de dicionário para-especializado.

De resto, no *catálogo de autores por matéria* que apresenta no seu vol. 1, Bluteau (pág. 95-96) informa as seguintes fontes na área:

Nos nossos dias, poderá causar estranheza que *úlcer*, *ulce-*

ração e *ulcerado* sejam catalogados por Bluteau como termos de Cirurgia, e não de Medicina (cf. citações seguintes):

ulcera. (Termo de Cirurgia. Chaga ulcerada. [...] Vid. **Ulcerado.** {(Todos os males rebeldes, Ulceras, & corrupçoens de pés, & mãos. Rego, *Summula de Alveitar.* 249.)} (Bluteau)

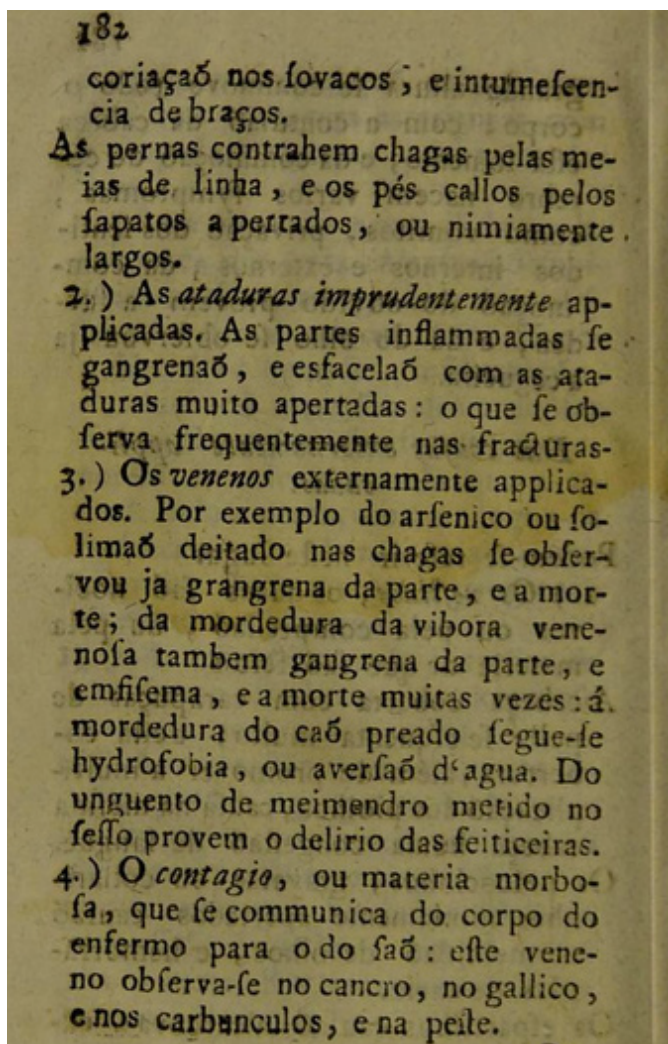
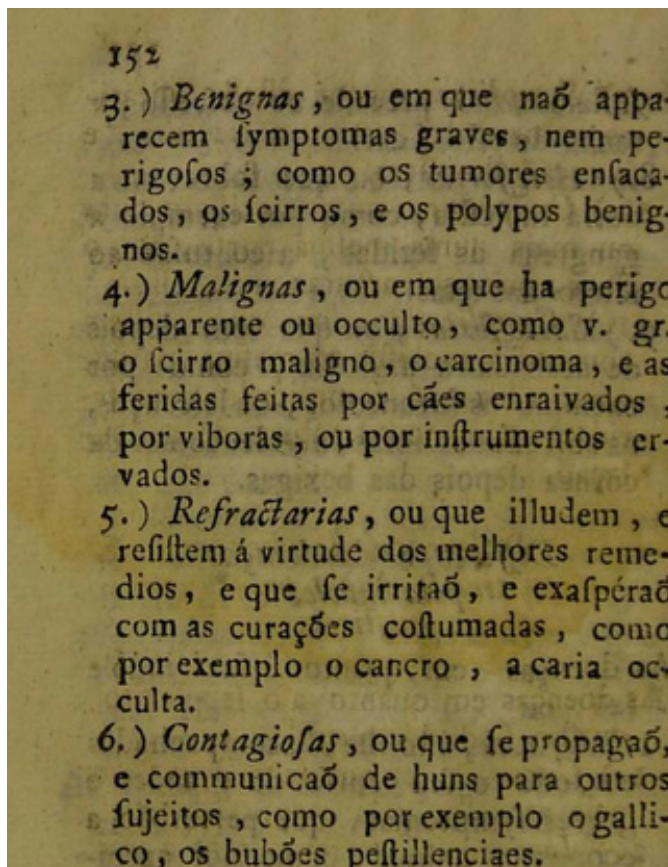
ulceração. (Termo de Cirurgia.) Corrosão ulcerosa. [...] {(Sem **Ulceração** na via nadem às vezes verrugas. *Ma-deira de Morb. Gall.* 1. part. cap. 44. num. 2.)} (Bluteau)

ulcerado. (Termo de Cirurgia. Chaga ulcerada. Solução de continuidade, causada de húa acrimonia, que corroe, & consome a substancia da parte. Este corrosivo he hum acido, que corrompe na parte o seu alimento proprio, & o converte numa excrementicia acrimonia, segundo a mayor, ou menor copia desta acido. Destas chagas ulceradas, húas se chamão Sordidas, outras podres, outras cavernosas, cancerosas, virulentas, corrosivas, & c. Vid. **Chaga.** [...] § **Chaga pequena ulcerada.** [...] § **Cheyo** deste genero de chagas. **Ulcerosus**, a, um. **Horat.** {(Chaga **Ulcerada**, & costume envelhecido, por milagre se cura. *Mon. Lusit. Tom. 7.* 433.)} {(De apostemas **Ulceradas**, Polipos, & c. **Damião de Goes**, 40. 2.)} (Bluteau)

ulcerar. Formar ulcera, fallando em chagas. [...] § **Cousa** que *ulcèra*, ou póde *ulcerar*. **Exulceratorius**, a, um. **Plin.** § **A força de ulcerar.** [...] {(As destillaçoens salgadas, pela continuação **Ulcerão** a via. **Cirurgia de Ferreira**, 305.)} {(**Ulcerando** com seu demasiado calor os involtorios dos intestinos, 2. part. **Apologet. da Jalapa**, 27.)} (Bluteau)

ulceroso. Cheyo de *ulceras*. **Ulcerosus**, a, um. **Horat.**

Todavia, a história médico-cirúrgica explica porque assim é. Durante largos séculos existiu uma clara divisão entre cirurgiões e médicos. Ainda que a medicina universitária tivesse de disputar o seu terreno com a medicina popular, nomeadamente



quando alguns dos métodos e soluções terapêuticas usados por médicos e curandeiros, mezinheiros, barbeiros, sangradores, algebristas, não eram muito díspares, a verdade é que, com o avanço no conhecimento e na formação em medicina, os médicos diplomados por universidades eram detentores de preparação científica e de prestígio na arte de curar, enquanto aos cirurgiões, mesmo que aprovados e com formação cirúrgica, se associava o trabalho 'manual' de realizar 'intervenções' cirúrgicas, como cauterização/excisão de tumores, ainda que quando estes se encontravam em estadio ulcerado e/ou proliferado o procedimento recomendado fosse predominantemente o paliativo, e não o cirúrgico. Como afirma Costa (2012: 6):

Grupo profissional de muito menor estatuto social do que os médicos diplomados pela Universidade de Coimbra, o cirurgião português do século XVIII geralmente não apresentava pergaminhos universitários, nem formação erudita comparável à dos médicos saídos da forja coimbrã. Daí que a sua aprendizagem da anatomia era feita por outros cirurgiões de nomeada, ou então por mestres provenientes de universidades estrangeiras como sucedia no Hospital de Todos os Santos, local onde se considerava estar sedeada a melhor formação cirúrgica do país.

3.3. Rapahel Bluteau e António Morais Silva (1789), *Diccionario da Lingua Portugueza*

No *Diccionario da Lingua Portugueza*, em 2 vol.s, de Bluteau e Morais Silva, de 1789, as informações sobre a doença são bastante mais parcas, mas bem mais unívocas no tangente à dicotomia *câncer/cancro*, confinando-se ao essencial que abaixo se transcreve (p. 224):

CÂNCER, f. m. figno celeste do Zodíaco, que se representa por hum Caranguejo. § *Ulcera* maligna, que roe a parte do corpo, onde está. § f. Mal que vai arruinando y. g., os Cânceres da Repub. M. L.

CANCERADO, part. pass. de cancerar.

CANCERAR, v. at. fazer degenerar, ou formar-se em câncer, ou cancro. § se, formar-se em cancro. § *Câncerar-se fig. na culpa, afigtular-se, inveterar-se no habito*, que vai destruinido a consciencia.

CANCEROSO, adj. da natureza do câncer. § y. *Cancerado, chagas velhas, e câncerosas*

CANCRO, f. m. y. *câncer figno, e doença*. Cam. Lus. § *Instrumento*, ou peça de ferro de segurar taboas, tem espiga, e buracos; porém ha outros de chumbar onde se mettem, os quaes não tem espiga, usa-se na Carpentaria, &c. J

FIGURA 2. *Diferença das doenças pela índole* (Paiva, 1786, p. 152)

FIGURA 3. *«Cousas externamente applicadas»* (Paiva, 1786, p. 182)

Neste dicionário, ainda que *câncer* denomine prioritariamente o signo do Zodíaco, já se permitem os autores remeter igualmente para úlcera maligna; ao mesmo tempo, também para *cancro* se elencam os sentidos de 'signo' e de 'doença'. Como se observa pelas citações acima transcritas, neste dicionário as oscilações entre ambas as denominações persistem, pois ambas as denominações remetem em primeira mão para o signo zodiacal e em segunda mão para a doença.

Até ao surgimento de uma obra de referência, de Manoel Joaquim Henriques de Paiva, *Instituições de Cirurgia*, 1786, a bivalência denominativa continua prevalente. Como veremos, esta obra constitui um marco decisivo para a univocidade denominativa de *cancro* e de *cancer*, sendo razoável que só alguns anos após a publicação da mesma os dicionários de língua comecem a refletir tal realidade, adotando a denominação *cancro* para as neoplasias malignas.

Pela proximidade temporal, um dos dicionários de língua de maior projeção, o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, em 2 volumes, de Raphael Bluteau e Morais Silva, de 1789, não pode ainda projetar a opção terminológica das *Instituições de Cirurgia*, de 1786.

4. Cancro e câncer: rumo a uma maior univocidade denominativa

4.1. Manoel Joaquim Henriques de Paiva (1786): *Instituições de Cirurgia*

A publicação da obra de Manoel Joaquim Henriques de Paiva, *Instituições de Cirurgia*, 1786, representa um ponto de viragem na precisão denominativa de *cancro* e, por inerência, na de *câncer*, no PE.

Na obra de referência de 1786 de Manoel Joaquim Henriques de Paiva, *Instituições de Cirurgia*, o autor já só usa as denominações *cancro* e *carcinoma* (Paiva, 1786, p. 152).

Este renomado médico da Real Câmara, Fidalgo da Casa Real, redator principal do *Jornal Enciclopédico* a partir de 1788, sustentava a natureza contagiosa do *cancro* (Paiva, 1786, p. 152), mencionando os virus *cancrosos* (Paiva, 1786, p. 328). Considera como causas predisponentes para o *cancro* o «temperamento melancólico em que o sangue está espesso, e denegrido como o pês, e que concorre para o *scirro*, e *carcinoma* atrabiliario» (Paiva, 1786, p. 198), e que os *cancros* são produzidos por acrimonia *cancrosa* (Paiva, 1786, p. 163), sugerindo como medicamentos anticancrosos a *cicuta*, a *belladona* e a *dedaleira* (Paiva, 1786, p. 328).

Por conseguinte, pelo menos desde 1786, os manuais médicos de referência redigidos em língua portuguesa usavam de forma unívoca a denominação *cancro*, surgindo de forma menos sistemática a de *carcinoma*.

4.2. Domingos Vieira (1871-1874): *Grande Dicionário português ou Thesouro da lingua portuguesa*

Em Vieira, 1871-1874, pela primeira vez na lexicografia portuguesa tecem-se considerações sobre as mudanças registadas na evolução da Língua.

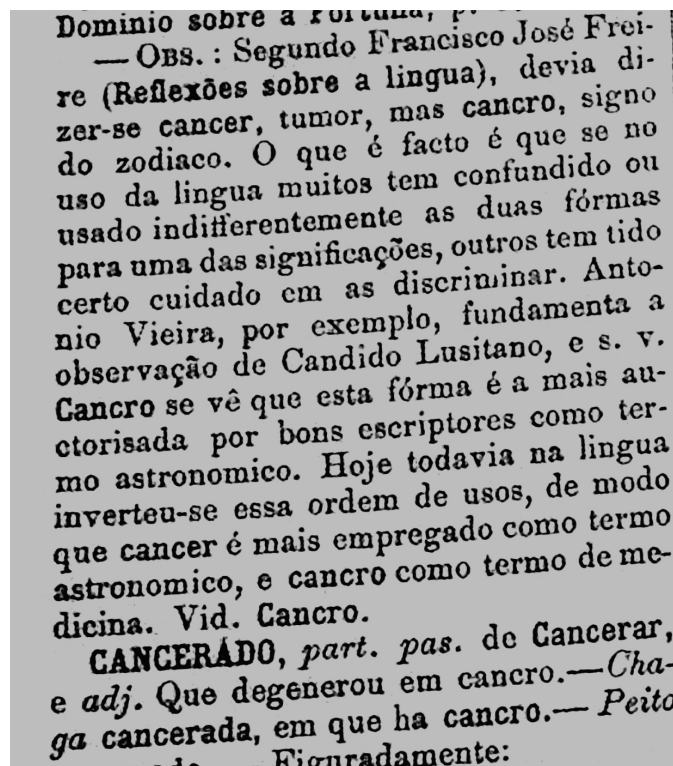


FIGURA 4. «Observação» de Domingos Vieira (1871-1874, vol. 2, pág. 76) na entrada *Cancer*

A respeito de *cancro*, descreve o autor que se trata de «Termo com que os classicos do seculo XVI e XVII designavam a constelação ou signo do zodiaco, que hoje se diz geralmente *cancro*» (vol. 2, 75-76).

Mas na coluna anterior *cancer* é descrito como 1. denominação de signo do zodíaco e 2. «Termo de Medicina. Tumor que pode desenvolver-se em todos os tecidos do corpo, excepto a epiderme, que se ulcera e rõe as partes, e que muitas vezes depois de extrahido ou destruído torna a apparecer».

E acrescenta a seguinte *Observação*, que acima se reproduz, na qual o dicionarista reconhece que, não obstante as oscilações no uso de ambas as denominações, no seu tempo, e ao contrário do que sucedia em séculos anteriores, *cancer* é mais usado para signo do zodíaco e *cancro* como termo médico. A exceção é a do cirurgião António da Cruz, que já usava *cancro* como termo médico.

Com Vieira, fixa-se a demarcação de territórios para os nomes *cancer* e *cancro*. É de sublinhar que o lexicógrafo não subcreve já a teoria linfática do *cancro*, pois o associa a tumor que se pode desenvolver nos tecidos do corpo, compaginando-se assim com os conhecimentos do seu tempo. O autor inclui as seguintes 6 entradas (Vieira, 1871-1874, vol. 2, p. 76):

cancerado «que degenerou em cancro; em que há cancro»

cancerar «degenerar em cancro», *cancerescer* «degenerar, tornar-se em cancro»

canceriforme «termo da Pathologia. Que tem a forma de cancro»

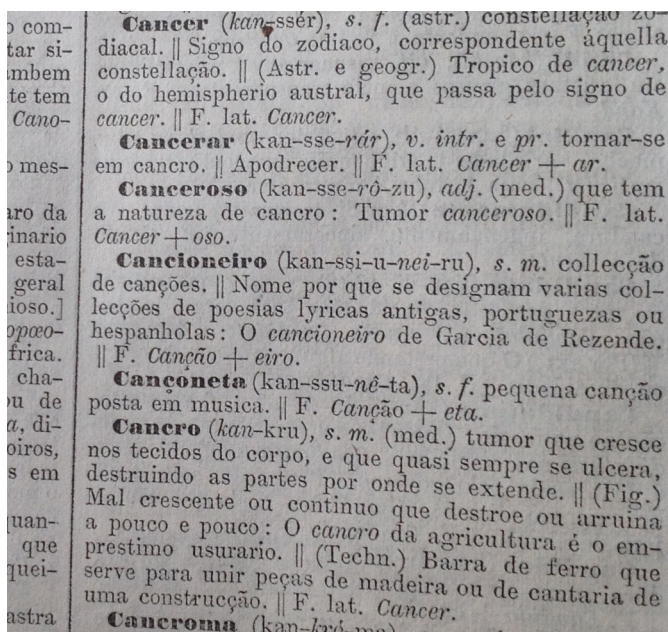
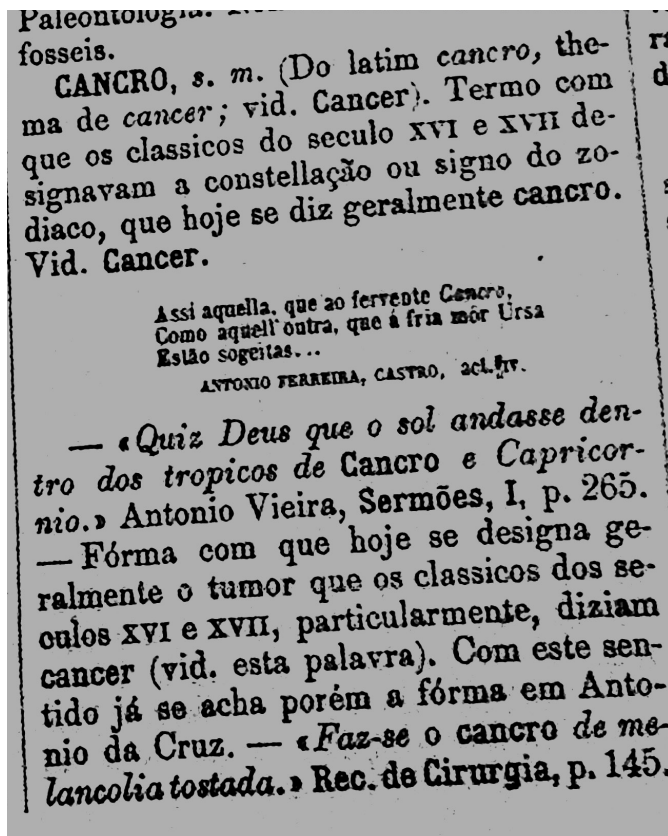


FIGURA 5. Cancro em Domingos Vieira (1871-1874, vol. 2, pág. 76)

FIGURA 6. Cancro em Caldas Aulette, 1881

canceroso «Termo da Medicina. Que é da natureza do cancro, que tem simillança com o cancro»

canceroso «o mesmo que canceroso»

cancróide «adj. Termo da Pathologia. Que se assemelha ao cancro»; «espécie de tumor canceroso».

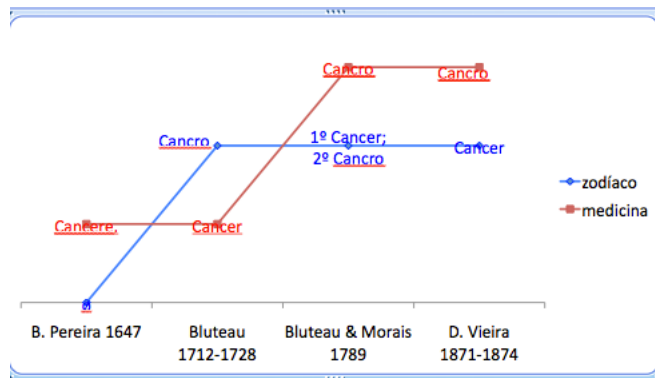


FIGURA 7. Trajetórias de cancer(e) e cancro nos dicionários de língua portuguesa (PE)

4.3. Francisco Caldas Aulette (1881): Dicionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa

A descrição de Aulette, em 1881, não aduz novidades relativas às que Vieira facultara, como se observa pela ilustração seguinte.

4.4. Síntese: denominações cancer(e) e cancro nos dicionários de língua portuguesa (PE)

O quadro acima (fig. 7) ilustra a trajetória das denominações de cancer(e) e cancro nos dicionários de língua portuguesa (PE).

Nele se observam as mudanças verificadas ao longo do século XVIII na distribuição de cancer e de cancro: cancer, primeiramente adstrito à medicina, acaba por se acantonar na área da astrologia, assistindo-se ao movimento inverso no tocante a cancro que, do universo astronómico e astrológico, se confina hoje em dia ao domínio médico.

As denominações oncologia e neoplasia estão ausentes dos dicionários mais antigos.

4.5. Divergências entre o português brasileiro [PB] e o português europeu [PE]

Como se observa na secção anterior, de 1871 para cá, no português europeu as denominações de cancro e de câncer fixaram-se em áreas ontológico-denotativas bem diferenciadas. Ademais, no PE cancro é uma unidade lexical muito mais usada que câncer, como se constata através da observação de bases de dados confiáveis, como o CETEMPúblico 1.7 v. 10.3 da <<https://www.linguateca.pt/>> (cf. quadro 3).

No Brasil, até hoje a denominação dominante é a de câncer, como se comprova através da consulta das bases de dados do CETENFolha/NILC/São Carlos v. 12.2 e do CETEMPúblico 1.7 v. 10.3 da <<https://www.linguateca.pt/>>. O quadro seguinte ilustra a polaridade extrema entre o PB e o PE no tocante ao predomínio de câncer (no PB) e de cancro (no PE). Esta encontra-se confirmada em dicionários de especialidade, como Nolte-Schlegel e González Soler (2012).

Não obstante, no século XIX o renomado escritor português Ramalho Ortigão continua a usar câncer para se referir à enfermidade, como se observa numa das Cartas a Emília, de 1883

QUADRO 3. Denominações câncer e cancro em fontes escritas do PB e do PE (n.º de ocorrências)

denominações	CETENFolha/ NILC/São Carlos v. 12.2	CETEMPúblico 1.7 v. 10.3
câncer	1344 ocorrências	2 ocorrências
cancro	18 —	5900 —

(p. 181), dirigida ao Filho (cf. <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion.pl>>)

Emagreço, perco o apetite e sinto irem-se acumulando no meu organismo os estigmas da doença e da velhice destruindo sucessivamente todos os aspectos de força e de energia que ainda há pouco me tornavam citado como homem bem conservado. Entristece bastante. Esquecia-me dizer como o aumento da dor condiz o da minha temperatura, de sorte que todos os dias tenho febre a determinadas horas. O partido que tomei foi de combater pessoalmente o sofrimento pelo único processo de que verdadeiramente dispõe o doente: habituar-se a ele. Trato-me espiritualmente como se estivesse a braços com o câncer ou com outra doença incurável: submeto-me.

A observação da trajetória das denominações *cancer*, *cancro* e *carcinoma* ao longo dos séculos (quadro 4) (cf. <www.corpusdoportugues.org>) revela o largo predomínio de *cancro* face a *cancer*, especialmente expressivo a partir do século XVI. No século XX, a frequência de ocorrências por milhão de *cancer* (12.34) e de *cancro* (14.76) aproximam-se, ainda que esta denominação não acuse significativo crescendo desde que ocorrem as primeiras abonações (14.54 no século XVI).

A secção que se segue confirma a diferenciação no uso de *câncer* e de *cancro* no PB e no PE.

5. Concepções e descrições em fontes lexicográficas do século XX

Começam ainda no século XIX as grandes mudanças de paradigma no conhecimento do cancro. O recurso ao microscópio, a partir de 1824/1830, e o experimentalismo crescente por este potenciado a partir de então, permitiu uma rutura decisiva nas teorias explicativas de muitas doenças e também na(s) do cancro. As escolas francesa e alemã tiveram papel cimeiro no estudo patológico do cancro, e para tal contribuíram a teoria do blastoma (1838) do patologista Johannes Müller, que desvinculou definitivamente o cancro da linfa, tendo demonstrado que o ‘ADN’ daquele se situa a nível celular. A teoria celular do cancro teria o seu apogeu com Rudolph Virchow, considerado o pai da patologia moderna. Em *Die Cellularpathologie in ihrer Begründung auf physiologische und pathologische Gewebelehre*, Berlin, Verlag von August Hirschwald, 1858, Virchow identifica as alterações moleculares e estruturais das células como estando na génese das lesões orgânicas e como tendo um papel central na doença cancerosa: «O cancro passa então a adquirir a categoria de tecido vivo, formado de novo (tecido neoplásico) afastando-se definitivamente da discrasia humoral e da transformação degenerativa dos órgãos» (Costa, 2012: 69).

Nos primórdios do século XX, com a investigação do cancro com recurso aos raios X e à radioterapia, nomeadamente no Institut du Radium de Paris e na Fondation Curie, a caracterização das neoplasias acusou avanços significativos. A criação, no primeiro quartel do século XX, de numerosas instituições internacionais especificamente consagradas ao estudo do cancro, um pouco por todo o mundo desenvolvido de então (Europa central e ocidental, USA, Brasil, Japão), proporcionou investigação avançada que conduziria a progressos relevantes no conhecimento e tratamento das neoplasias. Em Portugal, data de 1923 a criação do Instituto Português para o Estudo do Cancro, adstrito à Universidade de Lisboa, cujos objetivos incluíam promover a investigação, o ensino médico e a assistência aos doentes oncológicos. Os avanços em microbiologia, graças a Pasteur e a Koch, em biologia molecular, em endocrinologia, em imunoterapia, em medicina nuclear, em radioisotopia (cf. Costa, 2012:

QUADRO 4. Ocorrências de cancer, cancro e carcinoma ao longo dos séculos (cf. <www.corpusdoportugues.org>)

	secção	todos	s13	s14	s15	s16	s17	s18	s19	s20
cancer	freq	756	4	0	0	0	0	1	1	250
	por milhão	16,80	7,26	0,00	0,00	0,00	0,00	0,46	0,10	12,34
cancro	freq	1029	0	0	0	63	28	5	36	299
	por milhão	22,87	0,00	0,00	0,00	14,54	8,56	2,28	3,70	14,76
carcinoma	freq	43	0	0	0	0	1	0	0	14
	por milhão	0,96	0,00	0,00	0,00	0,00	0,31	0,00	0,00	0,69

325-329) conduziram a uma mais acurada compreensão da natureza e das condicionantes da doença, bem como ao desenvolvimento de soluções terapêuticas de grande alcance e eficácia.

Graças à maior facilidade na difusão do conhecimento científico por via das redes digitais, é hoje possível aceder, seja em sites especializados, seja em dicionários de língua, a descrições concisas e tecnicamente mais próximas das chanceladas cientificamente.

5.1. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

Para o PE, recorremos ao *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013 (<<https://dicionario.priberam.org/>>) disponível em linha, e muito usado por falantes de português Língua Materna [LM] e Língua não materna [LNM].

Neste dicionário representativo do PE confirma-se que em Portugal a denominação *câncer* se aplica na Astronomia e na

QUADRO 5. Cancro, cancer, carcinoma e humor no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha] 2008-2013, <<https://dicionario.priberam.org/cancer>> [consultado em 31-10-2019]

cancro	<ol style="list-style-type: none"> [Medicina] Tumor maligno formado pela multiplicação desordenada de células de um tecido ou de um órgão. = CÂNCER, CARCINOMA [Medicina] Úlcera ou lesão venérea. [Figurado] Mal encoberto que vai arruinando lentamente. [Figurado] Agente de destruição lenta e silenciosa.
câncer	<ol style="list-style-type: none"> [Astronomia] Constelação zodiacal. (Com inicial maiúscula.) = CARANGUEJO [Astrologia] Signo do Zodíaco, entre Gêmeos e Leão. = CARANGUEJO [Brasil] [Medicina] Tumor maligno formado pela multiplicação desordenada de células de um tecido ou de um órgão. = CANCRO.
carcinoma	<ol style="list-style-type: none"> [Medicina] Tumor maligno desenvolvido a partir de tecido epitelial. = CANCRO.
humor	<ol style="list-style-type: none"> Qualquer fluido líquido contido nos corpos organizados. [Medicina] Humor viciado. Pus, matéria. Serosidade. Licor. Humidade. [Figurado] Disposição de ânimo (ex.: hoje ele está de bom ou de mau humor?). Temperamento, índole. Mordacidade chistosa; ironia delicada.

Astrologia, enquanto na Medicina as denominações usadas são *cancro* e *carcinoma*. O semantismo médico de *humor* prevalece sobre o disposicional e/ou atitudinal, de longe o mais usado pelos falantes comuns.

5.2. Dicionário Aurélio On-line

Para o PB, observamos o *Dicionário Aurélio On-line* (<<https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>>). Nele se verifica que *câncer* é a designação mais comum no Brasil para a doença que em Portugal é denominada de *cancro*; *carcinoma* merece uma descrição mais circunstanciada e técnica do que a disponível no dicionário do PE. Também os valores de *humor* são elencados por ordem contrária à que se regista no dicionário do PE, pois o sentido fisiológico apenas surge em segundo plano, valorizando-se o de uso mais alargado, de ‘disposição de ânimo’.

Câncer «Doença caracterizada pela multiplicação celular incontrolável e contínua, que normalmente afeta os tecidos criando metástases, podendo se espalhar pelo organismo; tumor maligno»

«[Astrologia] Nome dado ao quarto signo do zodíaco que vai de 22 de junho a 23 de julho (com inicial maiúscula): [...]. [Astronomia] Quarta constelação do zodíaco localizada entre Gêmeos e Leão»

Cancro «[Portugal] Câncer; designação atribuída às doenças definidas pela proliferação incontrolável e contínua das células que, através das metástases dos organismos patológicos, podem afetar todo o organismo; tumor maligno»

Carcinoma «Câncer que afeta o tecido epitelial, a camada superior da pele (epitélio) ou o revestimento dos órgãos internos de um organismo, podendo se espalhar através de metástase: os carcinomas e adenocarcinomas mais diagnosticados são os da pele, pâncreas, rins, fígado, útero, cólon, mama, pulmão e próstata. [Por Extensão] Qualquer tipo de câncer ou tumor maligno. [...] Carcinoma é sinónimo de: câncer, tumor maligno»

Tumor maligno «Proliferação de células que forma uma inchação anormal (tumor) capaz de invadir e danificar órgãos vizinhos, penetrar na corrente sanguínea (metástase), formando novos tumores em outros órgãos, em alguns casos pode levar à morte; carcinoma: o tumor maligno foi curado após a retirada da tireoide. [...] Tumor maligno é sinónimo de: carcinoma. Tumor maligno é o contrário de: benigno»

Humor «Disposição de ânimo de uma pessoa em relação a alguma coisa ou em algum momento; estado de espírito, temperamento[...]. Veia cômica, ironia delicada e alegre, ditos e gestos engraçados e espirituosos [...]. [Fisiologia] Substância fluida de um animal, como o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra. [Por Extensão] Qualquer substância líquida do corpo»

Ao contrário do que se regista em dicionários mais antigos, como no de Bluteau, no *Dicionário Online de Português* a denominação *Humor* só como termo da Fisiologia remete para

«Substância fluida de um animal, como o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra», caracterização amplamente glosada até finais do século XIX.

5.3. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*

No *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009), de Houaiss & Villar, as descrições de *câncer* e de *cancro* estão mais próximas das do PE que da efetiva realidade de uso do PB.

Para *câncer* (Datação: séc. XIII), a denominação mais usada no PB para a doença, a descrição como termo médico só ocorre em 4.º lugar, sendo as três primeiras do foro astronómico ou astrológico.

Câncer

1 astronomia quarta constelação zodiacal, situada entre Gêmeos e Leão; Caranguejo.

2 astrologia quarto signo do zodíaco (de 22 de junho a 23 de julho).

3 carcinologia design. comum aos caranguejos do gên. *Cancer*, da fam. dos cancrídeos, que inclui diversas spp. de importância econômica, como a caranguejola

4 oncologia doença caracterizada por proliferação celular anárquica, incontrolável e incessante, que ger. invade os tecidos, podendo gerar metástases em várias partes do corpo e que tende a reaparecer após tentativa de retirada cirúrgica; tumor maligno.

A denominação *cancro* (Datação: séc. XIV) remete em primeira mão para o domínio da infecologia, como se observa na descrição abaixo transcrita («ulceração isolada da pele ou mucosas que constitui o estágio inicial de várias doenças infecciosas, em geral sexualmente transmissíveis»), e numa segunda aceção é encarada como do domínio da oncologia, mas como um portuguesismo.

Cancro

1 infectologia ulceração isolada da pele ou mucosas que constitui o estágio inicial de várias doenças infecciosas, em geral sexualmente transmissíveis

2 oncologia. Regionalismo: Portugal; câncer

3 por extensão de sentido doença ou qualquer mal que gradativamente enfraqueça e destrua um organismo [...]

7 fitopatologia. doença dos tecidos vegetais causada por bactérias; cancrose.

A informação disponível em outras fontes digitais de especialidade, como a do renomado *National Cancer Institut* (cf. <<https://www.cancer.gov/publications/dictionaries/cancer-terms/def/cancer>>) não diverge substancialmente da que se faz presente nas fontes citadas (no texto que se reproduz acrescem as subclasses (*carcinoma*, *sarcoma*, *leucemia*, *linfoma*, *mieloma*), que não constam das descrições presentes nas fontes mencionadas de língua portuguesa):

cancer «A term for diseases in which abnormal cells divide without control and can invade nearby tissues.

Cancer cells can also spread to other parts of the body through the blood and lymph systems. There are several main types of cancer. Carcinoma is a cancer that begins in the skin or in tissues that line or cover internal organs. Sarcoma is a cancer that begins in bone, cartilage, fat, muscle, blood vessels, or other connective or supportive tissue. Leukemia is a cancer that starts in blood-forming tissue, such as the bone marrow, and causes large numbers of abnormal blood cells to be produced and enter the blood. Lymphoma and multiple myeloma are cancers that begin in the cells of the immune system» (cf. <<https://www.cancer.gov/publications/dictionaries/cancer-terms/def/cancer>>).

6. Representações associadas ao cancro

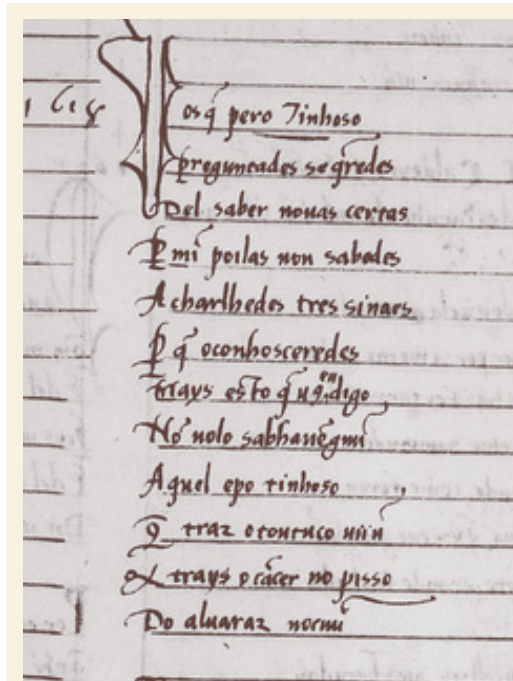
Tal como outras doenças, nomeadamente algumas pestes, algumas epidemias, a tuberculose ou, mais recentemente, a SIDA/AIDS, também o cancro foi incluído no conjunto das enfermidades contagiosas. Esta conceção foi defendida por muitos especialistas, pelo menos até ao terceiro quartel do século XVIII, em grande parte porque a perceção de muitas doenças estava associada à corrupção do ar e/ou à corrupção moral e dos costumes (Costa, 2012: 53) a qual, em períodos dominados por instituições inquisitoriais, cobria um vastíssimo leque de instâncias.

Já numa *Cantiga de Escárnio e maldizer* de Pero Viviães (cf. Cancioneiro da Biblioteca Nacional-B 1618, <<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1644>>), que alegadamente refere um homossexual portador de doenças venéreas, é mencionado o *câncer* como uma delas (fig. 8).

As teorias parasitárias, microbianas, bacterianas e virais do cancro sustentaram as concepções infecciosas e contagiosas da doença, que perduraram até ao interregno entre as duas guerras mundiais. No século XX, em 1926, o Nobel atribuído a Johannes Andreas Grib Fibiger consagrava, no entender de Lichtman (2017) erroneamente, a hipótese de contagiosidade do cancro sustentada pelo patologista dinamarquês. Mas os estudos realizados um pouco por todo o mundo «ajudaram a transformar conceitos de contagiosidade pouco ou mal demonstrada. Evidenciaram-se, sim, um considerável conjunto de fatores exógenos, pela influência dos quais se promovia a proliferação anárquica, tumultuosa, própria da doença oncológica: agentes físicos e químicos, entre os quais o alcatrão e seus derivados, os raios X, o rádio, as queimaduras, as irritações crónicas e outros» (Costa, 2012: 328).

Doença maligna, altamente dolorosa e letal, passou paulatinamente a ser encarada também como eventualmente crónica (cf. Carlos Caldas: «Vamos transformar muitos cancros numa doença crónica»), algo que já em 1786 Paiva, nas suas Instituições de Cirurgia (p. 150), aventara, ao considerar o cancro como uma doença crónica, no sentido de prolongada.

Muito ilustrativa das concepções e das práticas curativas reinantes em finais do século XIX (1883) é a carta de Ramalho Ortigão —eminente escritor e intelectual da conhecida ‘Geração de 70’ do século XIX— dirigida ao Filho (Cartas a Emília,



Vós que por Pero Tinhoso
preguntades se queredes
dele saber novas certas
per mim, poilas nom sabedes,
achar-lh'edes três sinaes
per que o conhosceredes
mais esto que vos eu digo
nom vo-lo sábia nengum:
aquele é Pero Tinhoso
que traz o toutiço nũ
e traz o câncer no pisso
e o alvaraz no cũ.

FIGURA 8. Câncer em Cantiga de Escárnio e maldizer de Pero Viviães

de 1883, p. 181: cf. <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion.pl>>. Nela se faz menção ao médico Francisco Gentil, fundador e diretor do Instituto Português de Oncologia, e às soluções terapêuticas pelas quais optou no tratamento do cancro do escritor Ramalho Ortigão, as quais envolveram o uso de pinças, de ventosas e de um tubo drenante mandado fabricar no afamado Instituto Pasteur. Usando uma linguagem comum e nada eufemística, o escritor não se coíbe de explicitar o seu imenso sofrimento, o seu crescente emagrecimento, a sua exponencial falta de energia, sintomas que associa aos do cancro, encarado como doença incurável:

«Caetanos 15 de Agosto

»Querido filho. Há poucos dias veio ver-me o Francisco Gentil pela quarta vez desde a primeira em que se reuniu em conferência com o Moreira e com o Cabeça. [...] Da primeira vez introduziu no tratamento do tumor umas novas pinças que fizeram excelente serviço. Da segunda vez mandou adotar para mais rápido esvaziamento do tumor uma ventosa de moderna invenção que não deu resultado algum. Pela terceira e última vez enfim mandou fabricar no Instituto Pasteur um tubo de vidro que introduziu no tumor e facilitaria consideravelmente a drenagem do tumor ainda não completamente esvaziado. O resultado foi deplorável. Introduzido o tubo e reposto o penso a minha dor aumentou consideravelmente e eu tive durante doze horas um sofrimento horrível. Desfeito o penso reconheceu-se que o tubo se tinha desde (o) princípio entupido pela espessura do líquido a que não podia dar saída tapando assim o orifício de saída e obstando à exudação espontânea. Voltamos aos processos iniciais. A dor naturalmente continua e eu soffro muito. Como a

cura do tumor prossegue os radiologistas preocupam-se pouco com o sofrimento subalterno do enfermo. Ao doente não exigem senão a sua energia para sobreviver ao menos um dia à sua cura. Sem tal esforço o doente sujeita-se a dar aos médicos o desgosto de sucumbir exactamente na véspera ou na antevéspera do dia em que ia ficar curado! Eu naturalmente diminuo de força dia a dia» (Ramalho Ortigão, 1883, *Cartas a Emília*, p. 181).

Com os avanços da ciência, as doenças oncológicas —a que os profissionais de medicina se referem muitas vezes como *neoplasias* e os não especialistas como *cancro* (PE)/*câncer* (PB)—, continuam ainda a ser eufemisticamente denominadas como «doença prolongada», «doença incurável», «coisa ruim», «cois(inh)a má», mas aos poucos vão deixando de ter o anátoma da letalidade irrevogável para passar a serem encaradas como enfermidade crónicas que, em muitos casos, se cifram por taxas de cura/sobrevida muito elevadas.

Referências bibliográficas

- Academia das Ciências de Lisboa (2001): *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. 2 volumes. Lisboa: Editorial Verbo.
- Almeida, António de (1788): *Tratado Completo da Anatomia e Cirurgia com um Resumo da História da Anatomia e Cirurgia, Seus Progressos e Estado d'Elle em Portugal*. Lisboa: na Officina de António Gomes.
- Aulette, Francisco J. Caldas (1881): *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*. Feito sobre um plano inteiramente novo. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Aulette, Francisco J. Caldas (1976): *Dicionário contemporâ-*

neo da língua portuguesa. 2 vols. 3.^a ed. actualizada. Lisboa, Parceria António Maria Pereira.

Bluteau, Rafael (1712-1728): *Vocabulário português e latino*. Vocabulário português e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses,

e latinos... / pelo Padre D. Raphael Bluteau. - Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 10 vols., sendo os dois últimos de Suplemento ao *Vocabulário português e latino*. Coimbra – Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus - Pascoal da Silva.

Bluteau, Rafael; António de Moraes Silva (1789): *Diccionario da lingua portugueza* composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por António de Moraes



Ondas

- Silva natural do Rio de Janeiro. Lisboa, na Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. 2 vols. Nas várias ed. subsequentes (até à 10.ª, de 1949), a autoria é atribuída a Morais Silva.
- Caldas, Carlos (2018): «Vamos transformar muitos cancros numa doença crónica». *Público* 15-VIII-2018. Cf. <<https://www.publico.pt/2018/08/15/ciencia/entrevista/carlos-caldas-vamos-transformar-muitos-cancros-numa-doenca-cronica-1840740>>. [consulta: 15.VIII.2018].
- Cantiga de Escárnio e maldizer de Pero Viuiães. Cancioneiro da Biblioteca Nacional-B 1618, (<<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1644>>).
- Cardoſum, Hieronymū (1570): *Dictionarium latinolusitanicum e viceverſa Luſitanicuolatinū ...*. Conimbricæ, Ioan Barrerius, (*Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*. Lisboa, Tipografia de João Álvares, 1562). Jerónimo Cardoso, *Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem* (Lisboa, Tipografia de João Álvares, 1562; 2.ª edição: *Dictionarium latinolusitanicum e viceverſa Luſitanicuolatinū*. Coimbra, João de Barreira, 1570).
- Costa, Rui Manuel Pinto (2012): *Luta Contra o Cancro e Oncologia em Portugal. Estruturação e normalização de uma área científica (1839-1974)*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Costa, Rui Manuel Pinto (2011): «O *Methodo Facilimo e Experimental, Para curar a maligna enfermidade do cancro: um caso de literatura médico-cirúrgica portuguesa de meados do século XVIII*», *Eä* (Buenos Aires), vol. 3, n.º 2 (Dic./Dec. 2011): 1-38.
- Cruz, António da (1601): *Recopilação de Çurgia, dividida em cinco tratados*. Lisboa: Henrique Valente de Oliveyra. Acrescentada por Francisco Soares Feio e António Gonçalves. Lisboa: na oficina de Bernardo da Costa Carvalho, 1711).
- Dicionário Aurélio On-line: <<https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>> [consulta: 11.X.2019].
- Ferreira, António (1705): *Luz verdadeyra e recopilado exame de toda a cirurgia*. Lisboa: na Oficina de Valentim da Costa Deslandes.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (1975): *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1.ª ed., 15.ª impressão. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975; 2.ª ed., 1987.
- Ferreira, José (1740): *Cirurgia Medico-Pharmaceutica Deduzida da Doutrina Stahlianiana Accômodada ao Curativo deste Paiz*. Livro primeiro (...). Lisboa: Lisboa Occidental.
- Freitas, Andrea Cunha (2017): *Entrevista a Carlos Caldas, do Cancer Research UK Cambridge Institute: «Vamos transformar muitos cancros numa doença crónica»*. *Público* 15-VIII-2018. Cf. <<https://www.publico.pt/2018/08/15/ciencia/entrevista/carlos-caldas-vamos-transformar-muitos-cancros-numa-doenca-cronica-1840740>> [consulta: 15.VIII.2018].
- Houaiss, Antônio; Villar, Mauro de Salles (2009): *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. [CD-ROM].
- Lichtman, Marshall A. (2017): «A bacterial cause of cancer: an historical essay», *The Oncologist*, 22: 542-548.
- Lusitano, Amato (1980): *Centúrias de Curas Medicinaiis*. Trad. de Firmino Crespo. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Morais Silva, António de (1949-1959): *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10.ª edição revista, corrigida, muito aumentada e actualizada [...] por Augusto Moreno, Cardoso Jr. e José Pedro Machado. 12 vols. Lisboa: Confluência.
- Nolte-Schlegel, Irmgard e Joan J. González Soler (2012, 2.ª ed.): *Medical Dictionary/Diccionario de Medicina/Diccionario de termos médicos: English-Spanish-Portuguese/Español-Inglés-Portugués/Português-Inglês-Espanhol*. Berlin/New York: Springer.
- Ortigão, Ramalho [1836] (1993): *Cartas a Emília* (Introdução, fixação do texto, comentários e notas de Beatriz Berrini). Lisboa: Lisóptima Edições - Biblioteca Nacional.
- Paiva, Manoel Joaquim Henriques de (1786): *Instituições de Cirurgia. Theorica e practica, que comprehendem a physiologia e a pathologia geral e particular (...)*. Lisboa: Oficina de Fillipe da Silva e Azevedo, 1786.
- Pereira, Bento (1647): *Thesouro da lingua portuguesa*. Lisboa: na Oficina de Paulo Craesbeek.
- Reedy, Jeremiah (1968): *Galen, De Tumoribus Praeter Naturam: A Critical Edition with Translation and Indices*. Michigan: University of Michigan.
- Rego, António Pereira (1679): *Instrucçam da cavallaria de brida. Tratado unico. Com huma summula da alveitaria, Em que se ensina o modo de conhecer os achaques, e lezoens dos cavallos, como se haõ de fazer as sangrias, ajudas, charopes, purgas, desgovernar, dar fogo actual, e potencial, despaltar, fazer as cargas, e curar todos os achaques, começando da boca, e continuando pela cabeça todo o corpo até as ferraduras dos pés*. Lisboa: Na Oficina de Antonio Vicente da Silva.
- Vieira, Domingos (1871-1874): *Grande Dicionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza*. Publicação feita sobre o manuscrito original, inteiramente revisto e consideravelmente augmentado. 5 vols. Porto: Editores Ernesto Char-dron e Bartholomeu H. de Moraes. [1871-1874].

Referências secundárias

- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha] (2008-2013): <<https://dicionario.priberam.org/>> <<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1644>> [consulta: 23.IX.2019].
- <www.corpusdoportugues.org> [consulta: 23.IX.2019].
- <<https://www.linguateca.pt/>>: <https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CETEM_PUBLICO> [consulta: 23.IX.2019].
- <<https://www.linguateca.pt/ACDC/corpo>> NILC/São Carlos [consulta: 23.IX.2019].
- <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/o_001.xml> [consulta: 23.IX.2019].